

Modos de citação do discurso alheio

o Ilane Ferreira Cavalcante



Governo Federal
Ministério da Educação

Projeto Gráfico

Secretaria de Educação a Distância – SEDIS

EQUIPE SEDIS | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Coordenadora da Produção dos Materiais

Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco

Coordenador de Edição

Ary Sergio Braga Olinisky

Coordenadora de Revisão

Giovana Paiva de Oliveira

Design Gráfico

Ivana Lima

Diagramação

Ivana Lima

José Antônio Bezerra Júnior

Mariana Araújo de Brito

Vitor Gomes Pimentel

Arte e Ilustração

Adauto Harley

Carolina Costa

Heinkel Huguenin

Revisão Tipográfica

Adriana Rodrigues Gomes

Design Instrucional

Janio Gustavo Barbosa

Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade

Jeremias Alves A. Silva

Margareth Pereira Dias

Revisão de Linguagem

Maria Aparecida da S. Fernandes Trindade

Revisão das Normas da ABNT

Verônica Pinheiro da Silva

Adaptação para o Módulo Matemático

Joacy Guilherme de Almeida Ferreira Filho

Revisão Técnica

Rosilene Alves de Paiva



DISCURSO ALHEIO

**Você verá
por aqui...**

Recursos utilizados para fazer citação do discurso alheio. Dentre outros discursos, você verá o discurso direto, o indireto, a modalização em discurso segundo e a ilha textual. Aprender a fazer citações é um recurso fundamental para elaboração de textos, principalmente os de caráter técnico, científico e acadêmico.

- Conhecer cada modo de citação do discurso alheio.
- Utilizar corretamente, em suas produções textuais de natureza acadêmica, técnica ou científica, os modos de citação do discurso alheio.

Objetivo



Para começo de conversa...

Por acaso, surpreendo-me no espelho:

Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? [...]

Parece meu velho pai - que já morreu! [...]

Nosso olhar duro interroga:

“O que fizeste de mim?” Eu pai? Tu é que me invadiste.

Lentamente, ruga a ruga... Que importa!

Eu sou ainda aquele mesmo menino teimoso de sempre

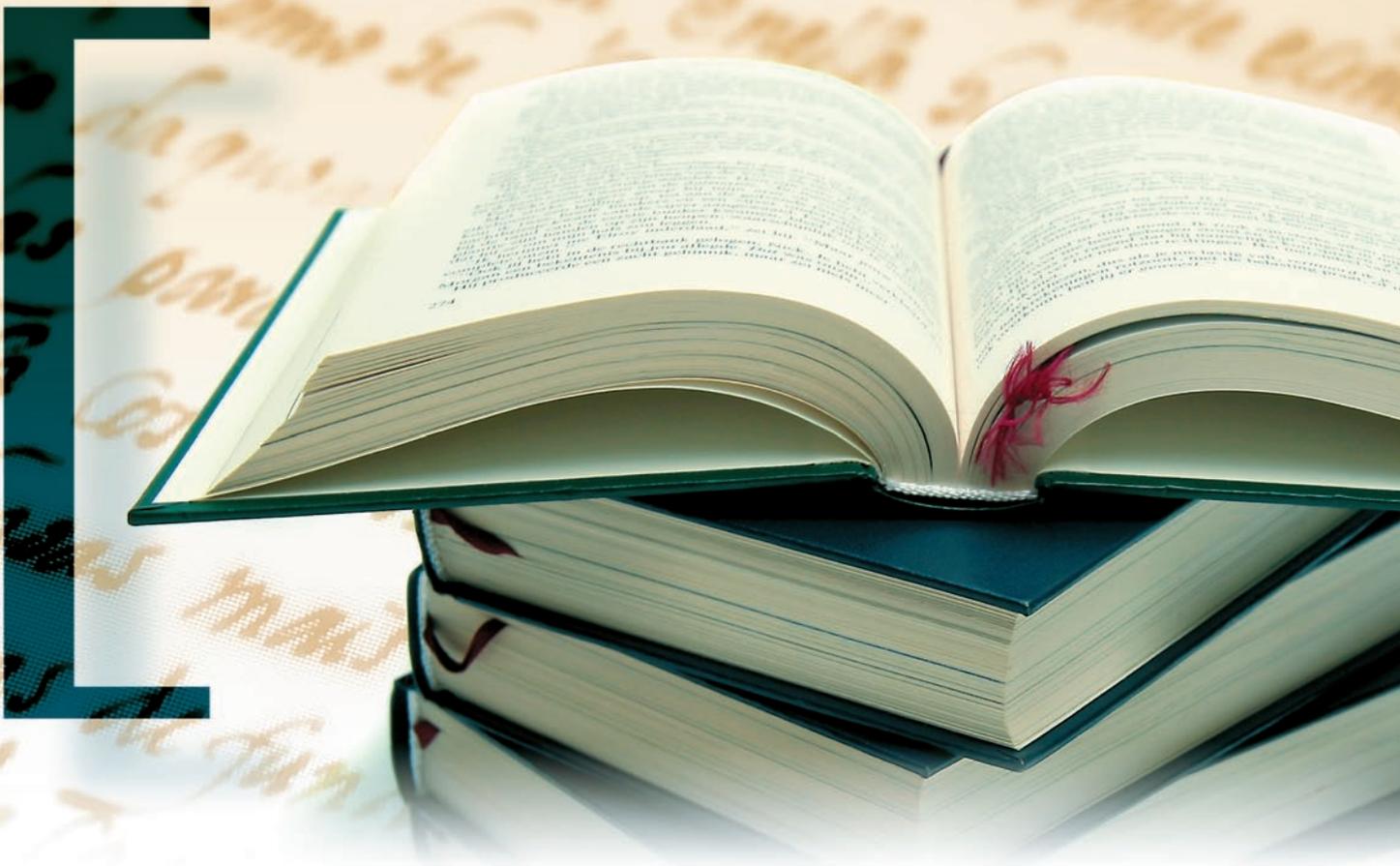
E os teus planos enfim lá se foram por terra,

Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra!

Vi sorrir nesses cansados olhos um orgulho triste

(Mário Quintana – Espelho)

No poema, Mário Quintana dialoga no espelho, consigo mesmo, acerca da passagem do tempo, do envelhecimento. De como nos surpreendemos, às vezes, quando notamos, ao nos olhar no espelho, as marcas do tempo em nossa face. Nesse diálogo, ele cita uma questão do rosto do espelho: “O que fizeste de mim?” Para fazer essa questão ser lida, realmente, como um enunciado dito pelo outro que surge no espelho, ele utiliza um verbo de dizer “interroga” e logo após a questão, destacada entre aspas. Vamos discutir, nesta aula, exatamente a forma de utilizar, em nosso discurso, o enunciado de outras pessoas.



Alguns modos de citar o discurso alheio

Sempre que produzimos textos, é comum fazermos referência a falas de outras pessoas para reforçar nossas idéias, fazer nosso interlocutor aceitá-las, mudar de opinião e passar para nosso lado. Não é isso que ocorre geralmente? Nossos discursos não pretendem que os outros aceitem nossas idéias e ajam conforme nossos “conselhos e dicas”? Para tanto, utilizamos, entre outros artifícios, **a citação do discurso alheio**.

Há diversos mecanismos lingüísticos que servem para registrar o discurso alheio no interior de um texto, como o discurso direto, o indireto, a modalização em discurso segundo e a ilha textual. Vejamos cada um desses.

Para compreendermos isso, é preciso estarmos conscientes de que há, sempre, portanto, um **discurso citante**, o discurso de quem está produzindo o texto e um **discurso citado**, aquele discurso utilizado para complementar ou ilustrar o discurso citante.

Discurso direto

Leia a tirinha de Mafalda, a seguir:



Figura 1 - Tirinha 338 de Mafalda

Na tirinha, Mafalda, a menininha inteligente e questionadora criada pelo desenhista argentino Quino, conversa com sua amiga. Mas a fala de ambas, nos primeiros três quadrinhos, tem uma grafia diferente da fala de Mafalda no último quadrinho. Por que será? Observe que no último quadro Mafalda afirma “O bom de ir para a escola é que a gente pode ter conversas literárias”. Nessa última fala da personagem reside o elemento cômico de toda a tirinha e indica, ao leitor, que o diálogo estabelecido com a amiga antes fora retirado dos textos escolares. Uma crítica, aliás, à alienação da realidade dos textos didáticos. A fala dos três primeiros quadrinhos, portanto, tem destaque com outra fonte porque é citada por Mafalda e pela amiga dos textos didáticos da escola. Esse tipo de citação é o que denominamos discurso direto.

O discurso direto exime o enunciador citante de qualquer responsabilidade e caracteriza-se por dissociar as duas situações: a do discurso citante e a do citado.

Exemplo 1

Em um de seus primeiros discursos após o resgate, a ex-senadora franco-colombiana fez questão de ressaltar a importância da rádio para todos os seqüestrados, dizendo que o programa era essencial e que os reféns ouviam a rádio sempre. “Muito obrigado por seu apoio. A rádio foi uma grande companhia por muitos anos”, disse.

No exemplo 1 vemos uma notícia acerca da libertação de uma refém da guerrilha colombiana, a ex-senadora do país, Ingrid Betancourt. No texto, ela agradece a um jornalista de uma rádio que costumava escutar ao longo dos seis anos em que esteve sob o poder dos seqüestradores. O discurso citado, nesse caso, é do jornalista que redigiu o texto e se divide em duas partes: a primeira parte do início até a palavra “sempre”; a segunda parte somente o verbo “disse”. Esse verbo demonstra para o leitor que o texto entre aspas faz parte do discurso de Ingrid Betancourt e foi citado exatamente da forma como ela enunciou.

Na verdade, mesmo se apresentando sob a forma de citação direta, é uma encenação visando a criar um efeito de autenticidade. Por mais que aparente ser fiel, o discurso direto é sempre um fragmento do texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal. A oração que consta do exemplo 1 não é o discurso completo de Ingrid, é apenas uma parte dele, acoplada ao discurso do jornalista que redigiu o texto, não é mesmo?

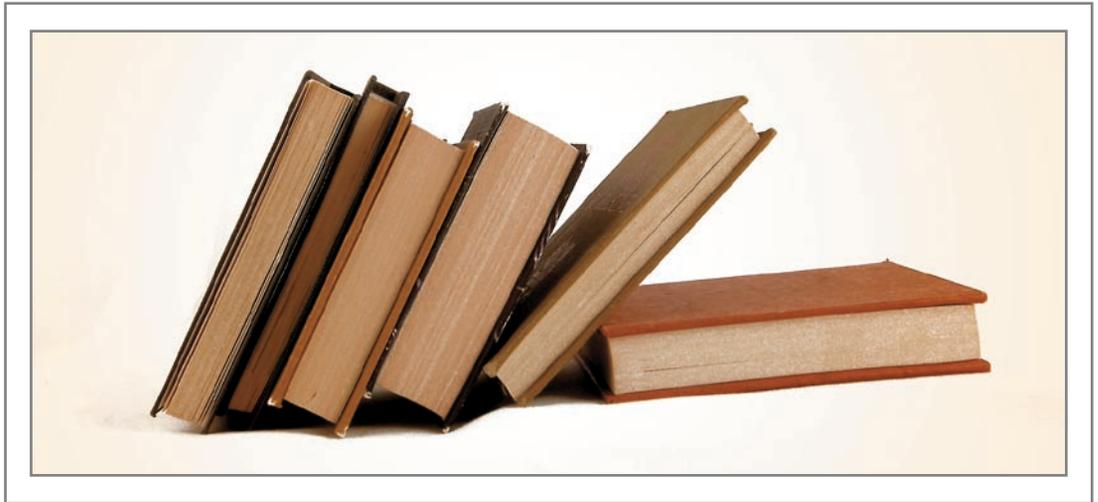
O discurso citante deve satisfazer a duas exigências em relação ao leitor: indicar que houve um ato de fala (emprego de verbos de dizer, como afirmar, assegurar, confirmar, discordar, perguntar, responder, etc.) e marcar a fronteira que o separa do discurso citado (no caso de textos acadêmicos, técnicos e científicos, com o auxílio de dois-pontos e aspas), conforme você pôde constatar no exemplo 1.

Ainda no caso de citações diretas em textos acadêmicos, técnicos e científicos, há necessidade de explicitação do ano da fonte consultada, acrescido da indicação das páginas, como no exemplo a seguir.

Exemplo 2

Contrapondo-se à admiração exagerada das pessoas pela tecnologia, Cury (2005, p. 36) enfatiza: “A maioria dos seres humanos elogia as maravilhas da tecnologia, mas não conseguem se encantar com o espetáculo da construção de pensamentos que ocorre na psique humana”.

Concluindo, podemos dizer, então, que o discurso direto se caracteriza por abrir espaço, no texto, para uma outra voz, cujo discurso, ou ato de fala é recortado e esse recorte é copiado na íntegra e integrado ao discurso citante.



Discurso indireto

O discurso indireto é uma condensação ou uma paráfrase do que foi proferido pelo enunciador citado.

Paráfrase é um recurso textual que implica em dizer com outras palavras aquilo que já foi dito por alguém a quem citamos.

A citação no discurso indireto, no entanto, não é feita da mesma forma que no discurso direto que acabamos de ler. Lá, o discurso citado é copiado da mesma forma; aqui, o discurso citado é apropriado pelo enunciador do discurso citante e é apresentado sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva, introduzida por um verbo de dizer. Veja o exemplo 3, a seguir:

Exemplo 3

Irene Knysak, diretora do laboratório de artrópodes do Instituto Butantan, afirmou que há cerca de 35 mil espécies de aranha.

No exemplo 3 podemos perceber que há alguém sendo citado (Irene Knysak). Essa pessoa citada afirmou (verbo de dizer) o quê? Que existem 35 mil espécies de aranhas. No entanto a oração “que há cerca de 35 mil espécies de aranha” não foi dita por ela exatamente dessa mesma forma, o enunciador do texto está dizendo de novo o que ela disse e não copiando as palavras dela. Será que deu para entender?

Vamos ver, então, como ficaria esse mesmo texto se fosse dito em discurso direto:

Exemplo 4

Irene Knysak, diretora do laboratório de artrópodes do Instituto Butantan afirmou: “Há 35 mil espécies de aranha no mundo”.

Percebeu a diferença entre a forma de citar do exemplo 3 e a do exemplo 4? No último exemplo a oração foi citada da mesma forma como foi dita por Irene e usou-se aspas para indicar isso. No primeiro caso, a oração foi dita, com outras palavras, pelo enunciador do discurso citante, que nesse caso não precisa usar aspas e transforma a fala do discurso citado em oração subordinada ao seu próprio discurso.

Em se tratando de textos acadêmicos, técnicos e científicos, há necessidade, em todas as citações, de ser indicada a data da fonte consultada (e as páginas, no caso de discurso direto; essa indicação é obrigatória).

Exemplo 5

Olérion (1890, p. 13) afirma que a demonstração científica não é tão pura e rigorosa quanto alguns acadêmicos acreditam ser.

Exemplo 6

Bagno (1999) assegura ser muito comum os pais de alunos cobrarem dos professores o ensino tradicional de gramática.

Nos exemplos 5 e 6, o ano que aparece entre parênteses diz respeito ao ano de publicação do livro, ou do texto de onde se retirou a citação. Falaremos um pouco mais sobre isso, quando estudarmos algumas orientações das normas ditadas pela

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em aula subsequente.

ABNT: Fundada em 1940, a **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)** é o órgão responsável pela normalização técnica no país, fornecendo a base necessária ao desenvolvimento tecnológico brasileiro. É uma entidade privada, sem fins lucrativos, reconhecida como único Foro Nacional de Normalização através da Resolução n.º 07 do CONMETRO, de 24.08.1992. É membro fundador da ISO (International Organization for Standardization), da COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e da AMN (Associação Mercosul de Normalização). A ABNT é a única e exclusiva representante no Brasil das seguintes entidades internacionais: ISO (International Organization for Standardization), IEC (International Electrotechnical Commission); e das entidades de normalização regional COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e a AMN (Associação Mercosul de Normalização). (ABNT, 2008, extraído da Internet).

Modalização em discurso segundo

A modalização em discurso segundo é muito parecida com o discurso indireto. Ela não cita o texto da mesma forma que foi dita pela pessoa citada. Mas também não subordina, necessariamente, essa fala ao discurso do enunciador do texto. Além disso, nessa forma de citação, o enunciador deixa claro que o que ele está afirmando está baseado em outra pessoa. Por isso é comum o uso de expressões como: “segundo fulano”, “de acordo com beltrano”, “baseado em tal pessoa”, etc.

Esse é, talvez, o modo mais simples de o enunciador citante de um texto mostrar que não é responsável por uma determinada citação, apenas indica que está se apoiando em um discurso alheio.

Exemplo 7

A incidência de câncer de pulmão entre as mulheres, de acordo com as mais recentes pesquisas científicas, é maior que entre os homens.

Exemplo 8

Segundo fontes bem informadas, caçadores de Mianmar, sul da China, matam ursos para vender as patas, uma iguaria culinária.

Exemplo 9

Para a pesquisadora Maria Firmina dos Reis, do Instituto de Ciências da USP, as pichações em portas de banheiros públicos revelam um lado escondido da psique humana.

Observe nos exemplos 7, 8 e 9 que todas as afirmações feitas pelo enunciador baseiam-se em alguma outra pessoa ou instituição, explicitada ou não no texto. Como podemos constatar isso? Através das expressões “de acordo com as mais recentes pesquisas científicas”, “segundo fontes bem informadas” e “para a pesquisadora Renata Plaza Teixeira”. Ao utilizar tais expressões, o enunciador do texto parece querer dar mais credibilidade ao seu texto, pois busca o apoio de uma autoridade que o apóie nas afirmações.

A organização lingüística dessa forma de citar apóia-se na articulação de dois elementos: uma expressão como “de acordo com”, “segundo dizem”, “conforme Beltrano”, “para Fulano”, dentre outras, e uma condensação ou uma paráfrase do que foi proferido pelo enunciador citado. Essa é uma forma de citação indireta, uma vez que não apresenta transcrição.

A propósito, os textos dos exemplos 7, 8 e 9 têm um caráter mais jornalístico, pois não se preocupam em ser minuciosos na apresentação de suas fontes, ou seja, expressões como “as mais recentes pesquisas” e “fontes bem informadas” são muito vagas, não devem, por exemplo, ser utilizadas em discursos mais técnicos, científicos ou acadêmicos.

Em se tratando de texto de natureza acadêmica, técnica ou científica, há necessidade de, após a indicação do responsável pela citação, ser explicitado, entre parênteses, o ano da fonte consultada (e em se querendo surtir mais efeito de credibilidade, as páginas que registram o que foi proferido), conforme os modelos a seguir.

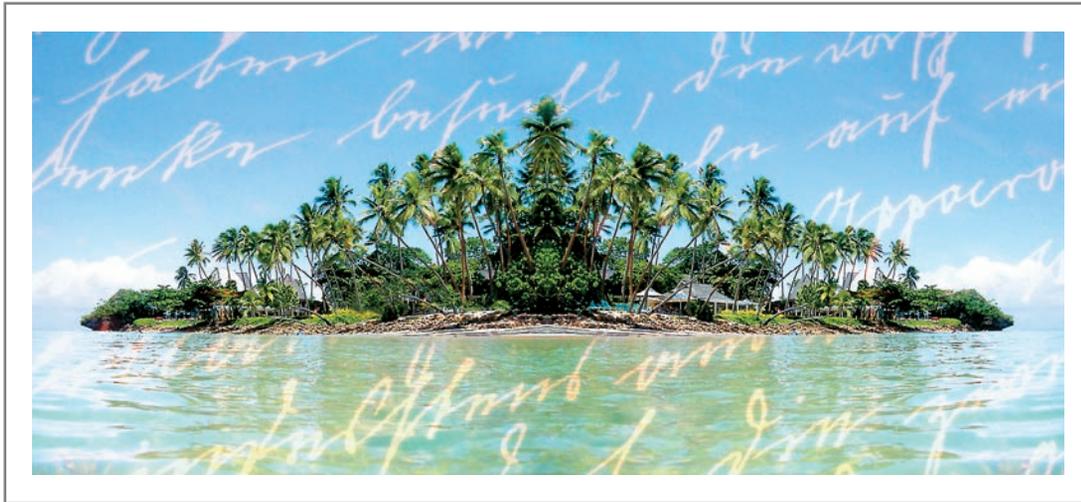
Exemplo 10

Conforme Maingueneau (1998), a retórica desapareceu do ensino francês no final do séc. XIX.

Exemplo 11

De acordo com Bellenger (1987, p. 29-33), o discurso falsificado desenvolve-se com o auxílio dos seguintes meios: a fabulação, a simulação, a dissimulação, a polidez, a calúnia e o equívoco.

Você consegue perceber a diferença entre os exemplos 10 e 11 e os exemplos 7, 8 e 9? Nos últimos (10 e 11) as fontes são cuidadosamente citadas, incluindo, no exemplo 11, até as páginas em que a informação citada pode ser encontrada. Assim é como deve ser o discurso de natureza técnica, científica e acadêmica.



Ilha textual

Nesse modo de citar, o enunciador citante, recorrendo geralmente à modalização em discurso segundo ou ao discurso indireto (formas de citação indireta), isola, entre aspas, um fragmento que, ao mesmo tempo, ele utiliza e menciona, emprega e cita. Tem-se, então, uma forma híbrida: mesmo, por exemplo, tratando-se globalmente de discurso indireto, esse contém palavras atribuídas aos enunciadores citados.

Exemplo 12

No vestiário, o craque disse que ganhariam a copa “de qualquer jeito, com ou sem *dopping*”.

Exemplo 13

Segundo o porta-voz do planalto, o Brasil está mudando “de forma acelerada, aceleradíssima”.

Perceba no exemplo 12 que o enunciador inicia a citação como se fosse utilizar o discurso indireto, pois utiliza o verbo de dizer (disse) e a partícula integradora (que), além disso, as primeiras palavras do discurso citado são apropriadas pelo enunciador (ganhariam a copa); só no final do enunciado ele usa aspas e cita, em forma de discurso direto, um fragmento do discurso do craque citado da maneira como ele disse (de qualquer jeito, com ou sem *dopping*). Essa fragmentação do discurso citado, que depende do discurso citante, inclusive para ganhar um sentido completo, contextualizado, é que caracteriza a ilha textual.

Não esqueça, no entanto, que, no caso de textos acadêmicos, técnicos e científicos, a data e as páginas devem se fazer presentes.

Exemplo 14

Landowsky (1989, p. 2) diz que a enunciação é o “ato pelo qual o sujeito faz ser o sentido” e o enunciado, o “objeto cujo sentido faz ser o sujeito”.

Exemplo 15

Para Reboul (1989, p. 137), o problema não é descartar as figuras de linguagem, mas “conhecê-las e compreender seu perigoso poder, para não ser vítima dele”.

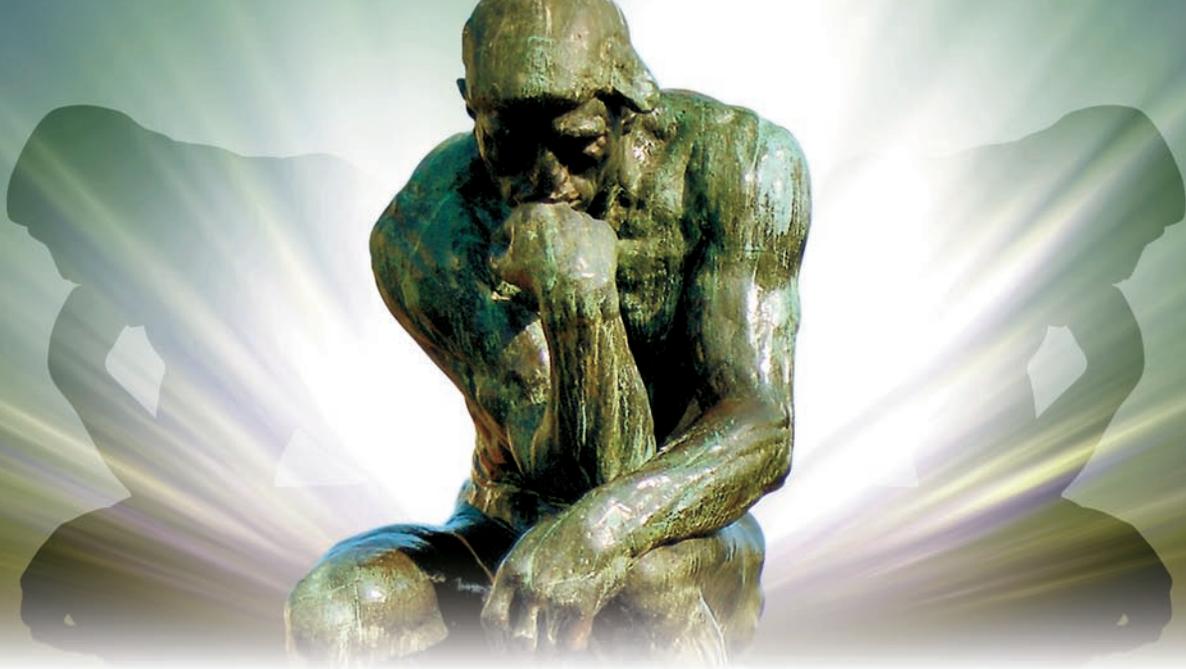
Convém ainda acrescentar que a ABNT dispõe de documentos, como a NBR 10520 e a NBR 6023, ambas de agosto de 2002, que tratam, especificamente, dos aspectos técnicos (aqui tão-somente tangenciados) a serem considerados quanto à produção de textos acadêmicos, técnicos e científicos, em citações diretas e indiretas e em referências bibliográficas, respectivamente. Vamos falar mais sobre a ABNT em aula posterior.



Praticando...

2

1. Explícite o uso da modalização em discurso segundo e o uso da ilha textual em textos de natureza jornalística.
2. Quanto ao texto científico, por exemplo, como devem ser utilizadas a modalização em discurso segundo e a ilha textual?



Uma reflexão

A utilização de qualquer uma dessas formas de citar o discurso alheio está associada ao gênero textual e às estratégias utilizadas pelo enunciador citante.

Para criar, por exemplo, efeito de autenticidade, mostrar-se supostamente neutro, não aderir ao que é dito ou até mesmo revelar inteira adesão, o enunciador citante recorre ao discurso direto e à ilha textual.

Nos gêneros jornalísticos escritos, excluindo-se os da imprensa popular e sensacionalista, é mais comum o discurso indireto, a modalização em discurso segundo e a ilha textual. Já nos gêneros acadêmicos, técnicos e científicos, as formas de citar tendem a ser variadas, tanto para alternar o padrão estilístico das citações quanto para permitir, ao enunciador citante, a consolidação das mais diversas intenções.

Lembre-se, também, de ter cuidado, nas suas produções textuais, ao utilizar citações de outras pessoas. Elas devem ser retiradas de forma cuidadosa. Ao recortar um texto para citá-lo como base ou complemento de seu discurso, observe se ele está coerente com o que você afirma. Pois, muitas vezes, incorremos no erro de acharmos interessante uma afirmação de um autor que em fragmento parece concordar com o que queremos afirmar, mas pode, dentro de seu contexto mais amplo, contradizer o que pregamos. Esse cuidado é preciso, principalmente, quando o texto que produzimos vai ser alvo de avaliação por uma banca ou por um professor, numa disciplina. O fato é que, como citamos apenas fragmentos dos discursos alheios, podemos correr o risco de estarmos utilizando as idéias dos outros incorretamente.

Além disso, é preciso estar atento às normas da ABNT. Ela tem muitos detalhes, mas os detalhes são importantes para os leitores de seus textos, pois a indicação de ano e página permitem que os leitores pesquisem diretamente as fontes utilizadas por você.

Leituras complementares

MODOS de citação do discurso alheio. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/1749837-modos-cita%C3%A7%C3%A3o-discurso-alheio-in/>>. Acesso em: 10 set. 2008.

SILVA, Patrícia Alves do Rego. **As marcas de enunciação no texto jornalístico policial**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno07-02.html>>. Acesso em: 10 set. 2008.

Nos sítios anteriores você vai encontrar informações interessantes sobre as diferentes formas de citar o discurso de outras pessoas. O primeiro sítio apresenta algumas informações sobre citações baseadas no livro Lições de texto, de Platão e Fiorin, citado como fonte de referência desta aula. E o segundo traz um artigo sobre uso de citações no discurso jornalístico.



Resumo

Nesta aula, estudamos algumas formas de citação do discurso alheio: discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo e ilha textual. Vimos também o que diferencia um modo de citação do outro e quais as marcas textuais relevantes para construir cada uma dessas formas de citação. Além disso, observamos que os textos de natureza técnica, científica e acadêmica exigem uma atenção às normas da ABNT no tocante à citação de vozes alheias.



Auto-avaliação

- 1.** Em cada trecho de artigo científico apresentado a seguir e criado para esta avaliação, identifique o modo de citação do discurso alheio utilizado pelo produtor.
 - a)** Ferreira (1986) afirma que uma das principais características das leis científicas é a de que elas assumem a forma lógica de uma generalização universal.
 - b)** Segundo Hulot (1982), há duas razões principais que poderiam explicar o fato de que, apesar de a história ser um simples relato de fatos que realmente aconteceram, os historiadores dificilmente se põem de acordo sobre as causas de muitos acontecimentos importantes na história, como, por exemplo, a queda do Império Romano.
 - c)** Por outro lado, Camembert (1996, p. 234) chama a atenção contra o perigo dos conceitos classificadores e explicita: “Dizemos apenas que todo conceito classificador é falso porque nenhum acontecimento se parece com outro [...]”.
 - d)** Dessa forma, a necessidade que se tem de, na pesquisa histórica, fazer uso de hipóteses universais das quais a grande maioria vem de outros campos de pesquisa tradicionalmente distintos da história, conforme Haidel (2001), “é exatamente um dos aspectos de que se pode chamar unidade metodológica da ciência empírica”.
 - e)** Câmara Ferreira (2006, p. 90) afirma: “A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório”.
 - f)** Ferreira (1998, p. 72) assegura que, para o poeta popular, “a poesia é a roda do engenho, a máquina do mundo, o exercício possível para a recuperação da neutralidade”.
 - g)** De acordo com Oliveira (2004), muitos estudiosos, contrariando a orientação saussuriana de Bally e influenciados, sobretudo, pelo pensamento estético idealista de Croce, transformam a fala literária em objeto de estudo.
 - h)** Para Bezerra (2001, p. 345), a linguagem é, nesse sentido, a “possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão”.

- i) No parecer de Ferreira Júnior (2006) e de outros, como Santana (1998) e Zigby (1975), os sufixos formadores de aumentativos ou de diminutivos é sempre derivacional.
- j) Lima e Bezerra (2000) afirmam que um texto coerente é um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar, de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Conheça a ABNT**. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/default.asp?resolucao=1024X768>>. Acesso em: 10 set. 2008.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BELLENGUER, Lionel. **A persuasão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

CURY, A. J. **Inteligência multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores**. 7. ed. São Paulo, Vozes, 2005.

LANDOWSKY, E. **A sociedade refletida**. São Paulo, PUCSP, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 137-154.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.

QUINO. **Toda a Mafalda: da primeira à última tira**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RÉBOUL, Olivier. **Les valeurs de l'éducation**, in A. Jacob (Org.), **L'Univers Philosophique**. Encyclopédie philosophique universelle, Paris: Puf, 1989,



Ministério
da Educação

